

Conjunto de chá e aparelho de jantar: um estudo das elites aracatienses através da cultura material consumida na segunda metade do oitocentos.

Ana Paula Gomes Bezerra*

RESUMO:

O estudo em tela tem como objetivo analisar em que medida as mercadorias europeias, de usos domésticos, foram traduzidas para o ambiente social da cidade de Aracati e como se transformaram em estratégia de inserção das elites aracatienses no processo civilizador capitalista. Os conceitos que nortearam essa pesquisa foram: o de tradução cultural e processo civilizador capitalista. Para a realização desta pesquisa recorreremos à cultura material presente nos conjuntos de chá e de aparelhos de jantar de origem europeia e consumidos entre 1850 a 1890. As fontes utilizadas nesta pesquisa foram: peças da coleção, termo de propriedade e catálogos do Museu Jaguaribano, na cidade de Aracati. A metodologia utilizada foi o diálogo entre as fontes buscando entender tal processo e a influência deste nos hábitos e costumes locais.

Palavras - chave: processo civilizador-capitalista; tradução cultural e consumo

Introdução

A presente pesquisa tem por título “Conjunto de chá e aparelho de jantar: um estudo das elites¹ aracatienses através da cultura material consumida na segunda metade do oitocentos”. Esta representa apenas uma pequena parte da dissertação de mestrado que se encontra em andamento. Seu objetivo é analisar em que medida as mercadorias europeias, aqui representadas pelos conjuntos de chá e aparelhos de jantar produzidos na Europa, foram traduzidos para o ambiente social da cidade de Aracati e como se transformaram em estratégia de inserção das elites locais no processo civilizador capitalista.

Quanto ao ponto de vista teórico e no tocante a compreensão sobre o se refere à cultura material, aproximamos nossa reflexão de Meneses (1983), sobretudo no que esta representa enquanto fonte uma riqueza de informações acerca do grupo que a produziu

*Mestrado Acadêmico em História e Culturas - MAHIS/UECE; membro do Grupo de Pesquisa em Práticas Urbanas- MAHIS/UECE; Bolsista da CAPES.

¹ Usamos aqui elites a partir das discussões de Heinz (2006, p 7), onde “diz respeito acima de tudo à percepção social que os diferentes atores têm acerca das condições desiguais dadas aos indivíduos no desempenho de seus papéis sociais e políticos”. Nesse sentido, identificamos que a elite aracatiense eram compostas por várias elites, sendo elas: uma elite comercial (comerciantes donos de casas comerciais), intelectual (formada por letrados, escritores), Profissionais liberais (médicos, advogados) e uma elite política (membros da Câmara Municipal e etc).

ou a consumiu. Embora em seu trabalho o autor pesquise as sociedades antigas, podemos recorrer às suas considerações no que se refere à relevância da cultura material para o historiador,

não se pode desconhecer que os artefatos – parcela relevante da cultura material – fornecem informações quanto à sua própria materialidade (matéria prima e seu processamento, tecnologia, morfologia e funções, etc), fornece também, em seu grau sempre considerável, informação de natureza relacional. Isto é, além dos demais níveis, sua carga de significação refere-se sempre, em última instância, às formas de organização da sociedade que oa produziu e consumiu. (MENESES, 1983, p: 108)

Dentro dessa lógica da análise de Meneses, Klaus Hilbert, em seu artigo intitulado “Diálogos entre substâncias, cultura material e palavras” nos faz pensar que as “coisas têm histórias pra contar, que deixaram marcas. Elas aparecem às pessoas de diferentes maneiras”, daí a importância da análise das coisas (objetos) e dos significados a elas atribuídos por diferentes grupos em diferentes épocas, que nos possibilita compreender que significados eram atribuídos às coisas. Nesse caso os serviços de chá e jantar, consumidos pela elite aracatiense e que foram produzidos na Europa e que trazem consigo significados a elas impostos pela sociedade europeia, vão se modificando, através da tradução, na medida que chegam em outras sociedades, que não a de origem. Não é isso o que deveríamos chamar de tradução, aquela categoria que “tem a vantagem de enfatizar o trabalho que tem que ser feito por indivíduos ou grupos para domesticar o que é estrangeiro” (BURKE: 2003, p. 58). A afirmação de Burke nos reconduz à Hilbert (2009, p:13) e nos permite pensar que a dimensão que a cultura material não pode ser tomada apenas como técnica, forma ou função, mas também pelas relações sociais que ela produz e reproduz pelos que a produzem e a consomem. E deve ser entendida por sua capacidade de atribuir significados às coisas (objetos) produzidas e consumidas pelos grupos em realidades e temporalidades diversas e adversas.

Buscando analisar as fontes aqui trabalhadas com os conceitos de tradução cultural e processo civilizador capitalista dividimos a pesquisa aqui apresentada em três partes: a primeira intitulada “Produzir para consumir: o processo civilizador-capitalista e o consumo de louças europeias”, analisaremos a relação entre a produção da louça e o processo civilizador-capitalista; o segundo, denominado “A inserção da elite aracatiense no mundo do consumo”, procuraremos entender como o referido grupo se inseriu no processo civilizador capitalista; e no último tópico “Da vitrine da loja a vitrine da sala: o consumo de louças europeias” analisaremos como o significado para a elite em questão da aquisição das referidas louças e como estas foram traduzidas pelo grupo.

1. Produzir para consumir: o processo civilizador-capitalista e consumo de bens

As transformações sociais, culturais e econômicas ocorridas inicialmente no século XVI e que se expandiram até o século XVIII por todo o mundo através do consumo de bens, de acordo MacCraken (2003) estes foram responsáveis por tornar o oitocentos, um século de realizações, onde percebe-se uma aproximação mais intensa entre a sociedade e os bens de consumo, provocando uma hierarquia social centrada nos bens que a mesma possui. Embora essas mudanças tenham ocorrido em diversos pontos do planeta, como afirma MacCraken (2003), não podemos pensar de forma isolada, pois para existir o consumo dos mesmos há por trás todo um processo que se inicia e caminha junto com a expansão do consumo e que chamamos de processo civilizador capitalista.

Esse processo lento e gradual e que engloba alguns pontos, são eles: a busca pelo progresso ligado ao ideal de modernidade; a distinção social através da aquisição de bens e dos costumes; a civilidade, onde as pulsões passam a ser controladas por rígidas regras de etiqueta; o capitalismo que se expande através da venda de produtos industrializados, e por último o consumo de bens que tem seu boom nos séculos XVI, XVII e XVIII, e este busca atrair novos mercados se estabilizando por todo o oitocentos. É importante ressaltar que este processo não é natural, e sim, imposto ao longo de séculos e gerações através de manuais de bom tom e regras de etiquetas ensinadas nas escolas especializadas e se expandem pelo mundo, buscando um ideal de civilização, diferenciando dos que não tinham acesso aos mecanismos necessários para se inserir em tal processo.

Apontamos aqui o processo civilizador como um dos responsáveis por tais mudanças, impostas ao longo dos séculos, no modo de viver da sociedade europeia seja na forma de se comportar a mesa ou em grupo. Para Elias (1994, p: 113) esse “modelo de civilidade encontra-se na última fase desse processo e precisa ser difundido a outras nações onde o padrão de civilidade deve ser seguido, esse modelo é o europeu”. O autor propõe que o processo em questão iniciado e difundido pela Europa possa ser expandindo pelo mundo.

Tais transformações foram acompanhadas pela expansão do capitalismo responsável pela inserção dos bens de consumo que criaram um modo de vida a ser copiado através dos objetos. E ainda, decorrente da chamada “Revolução do Consumo” iniciada no século XVI e se consolida ao longo do século XIX, sendo responsável pelo

aumento e diferenciação no consumo de bens que movimenta a sociedade como resultado as mudanças ocorridas nos séculos anteriores. De acordo com MacCracken (2003) o consumo se expande e se insere na vida social e cria o que podemos chamar de ‘sociedade de consumo’ desejosa por diferenciar-se através dos objetos que adquire.

Podemos analisar que a relação entre produção, cultura e consumo pode ser observada na obra de Norbert Elias, em sua obra “Processo civilizador”, onde o autor tece quase um tratado acerca do que é ser civilizado e dos componentes diretos e indiretos que o seguem. Refere-se ao fato de que ao civilizar-se se cria rituais e partir deste a necessidade de consumir objetos que contribuam para a realização dos mesmos, ocorre um desenvolvimento técnico e estético, e com isso, ocorre a necessidade de se transportar ou assimilar a cultura do outro através dos objetos produzidos. De acordo com o autor

[...] Já não basta comer apenas com a faca, o garfo e a colher, em vez de se usar as mãos. Cada vez mais na classe alta, um implemento especial é usado para cada tipo de comida. Colheres de sopa, facas de peixe e facas de carne são postas em um dos lados do prato. (ELIAS, 1994, p.: 114)

Segundo Hobsbawm (2012, p: 66) o capitalismo cada vez mais presente, se difunde a tal ponto que “o mundo inteiro tornou-se parte dessa economia”. O ideal de modernidade e progresso atrelados a um modelo a ser seguido, o europeu, contribui para sua expansão. É nesse momento, que grupos mais abastados, buscando alinhar-se culturalmente a esse ideal, se inserem em um processo civilizador capitalista, percebido através da materialidade através da aquisição de produtos manufaturados europeus, que traduzem tal cultura incutindo a apropriação de hábitos e costumes que estão intrínsecos nos objetos consumidos. A variedade de produtos, assim como normas a serem seguidas foram elementos de diferenciação social. Aqueles que desejassem ocupar um lugar de destaque, na hierarquia social, deveriam se inserir em processo civilizador capitalista, se aproximando da nobreza europeia, através da aquisição de mercadoria estrangeira, produzida além-mar.

O aparecimento de novos consumidores, cada vez mais exigentes e de uma clientela que procurava obstinadamente, seguir a moda europeia, obrigava aos fabricantes a produzirem mais, em maior quantidade e diversidade de produtos. Visando atender público específico, as fábricas investiam na produção de mercadorias de uso doméstico, como: *mobília, artigos de higiene e decoração, artigos de mesa e cozinha*. Esse público particular era formado pela aristocracia e burguesia local, além do

mercado externo. A diversidade de produtos e a qualidade dos mesmos objetivavam atrair todas as camadas sociais a adquirir referidos produtos, tornando esse mercado competitivo e atraente.

Essa expansão capitalista provocaria mudanças na produção proporcionando inovação da matéria-prima, da forma ou *design* dos produtos fabricados em larga escala, visando atrair novos mercados consumidores. Para tanto os fabricantes investiam em novas técnicas e formas, na busca de novos produtos, contratando, por exemplo, novos *designers* e técnicos especializados. Esse investimento era mais visível na *louça*² em suas diferentes categorias (*faiança, faiança fina, porcelana, vidrada, pó de pedra e outras*)³ que acabaram se adaptando as mudanças provocadas pelo mercado.

De acordo com Lima (1995, p: 129), podemos perceber que a louça tinha um papel muito importante para o período em estudo. Segundo a autora o “considerável investimento na quantidade e na diversidade dessas louças domésticas permite supor que elas cumpriam, à época uma função social de tal forma relevante, que o fenômeno merece uma investigação em maior profundidade”. Essa função social está relacionada à sua inserção no processo civilizador capitalista, onde a louça procurando atender as exigências do mercado consumidor, sua produção passa de artesanal para industrial, e o uso da mesma se torna um exemplo de civilidade.

Segundo Forty, (2007, p: 13) devemos entender “como os objetos mudam a sociedade e como a mesma muda o objeto”, pois os eles nem sempre permanecem na sociedade que os produziu, sendo importante de acordo com autor (2007, p: 14) “entender o objeto e sua trajetória, onde podemos compreender seu contexto social e a sociedade que o consome”. O objeto, ou melhor, a mercadoria ou o bem de consumo, na concepção de McCracken (2003, p: 100) “têm uma significância que vai além de seu caráter utilitário e seu valor comercial”, ou seja, este ao ser produzido lhe é introduzido uma carga cultural da sociedade que o produziu, circunstâncias em hábitos e costumes são introjetados no mesmo. Como exemplo, temos as louças produzidas na Europa e difundidas pelo mundo. Esses referenciais culturais tornaram-se um atrativo para a aquisição das referidas mercadorias.

Com a produção em grande escala, após a Revolução Industrial percebe-se que as louças utilizadas em jantares impessoais, conhecidas por *faiança fina*, eram produzida

² “Denominação genérica, compreendendo todos os produtos manufaturados, compostos de substâncias minerais, sujeitas a uma ou mais queimas” (PIGETTI, A. In: BRANCANTE, 19..., P:)

³Ver Glossário.

em larga escala, sendo vendidas a um preço acessível a setores médios da população. A introdução deste tipo de louça ocorreu em substituição à portuguesa, que era considerada grosseira, e a porcelana, comercializada pelos chineses em grande quantidade, em Macau. A qualidade do produto inglês caiu no gosto da elite aracatiense, principalmente pela variedade de padrões⁴, que iam desde cenas bucólicas de paisagens inglesas até desenhos florais, modificando a aparência das mesas e aumentando a quantidade de utensílios necessários à refeição.

Mercadorias de outros países como a Alemanha, Holanda, França e Espanha chegarão ao Brasil, mas em menor quantidade, uma vez que por força da industrialização tardia, não contavam com a mesma produção em larga escala que detinha a Inglaterra. (IPHAN, 2009, p: 53)

A importância dessa louça é descrita por Roche (2000) ao analisar a necessidade de se criar móveis para guardar os objetos *o bufê* “[...] apareceu com a multiplicação dos objetos, cerâmicas, louças que não se podiam mais guardar apenas em tábuas ao ar livre ou pendurados. Fechado em portas, foi um progresso na proteção das coisas”. Com tal afirmação pode-se perceber a importância dada aos objetos na França no século XIX e tal costumes é transmitido a sociedade carioca. Pensando no uso das cristaleiras como forma demonstrar seu status social.

A diversidade de itens e modelos possibilita uma distinção social, pois nem todos os grupos podiam adquirir produtos com a mesma qualidade. A forma de colocar a mesa e servir os convidados funcionava como forma de aceitação do grupo ou não.

2. A inserção da elite aracatiense no mundo do consumo

As elites em questão se forma a partir da charqueadas, de acordo com Raimundo Girão em sua obra “História Econômica do Ceará” (2000, p: 159), observa que com o desenvolvimento das charqueadas a então Vila de Santa Cruz do Aracati⁵ tornou-se “o mais movimentado e rico empório de transações da Capitania” do Siará. O crescimento econômico da cidade refletia-se nos modos da sociedade que se inseria na lógica de civilidade e polidez dos modos e costumes. Santa Cruz dos Barcos passa a ser ponto obrigatório do comércio com Pernambuco e por ele saíam à maior parte dos gêneros para exportação e entravam os artigos de importação que supriam o consumo

⁴Tipos de desenhos feitos na faiança.

⁵ Tornou-se vila, no ano de 1748, com a denominação de Santa Cruz de Aracati e elevada à categoria de cidade em 25 de outubro de 1842, com o nome de Aracati.

das elites ligadas ao comércio do charque das ribeiras do Jaguaribe, do Icó, do Crato e dos Inhamuns. Esse destaque econômico vai ser ainda mais proeminente, a partir da reorganização das charqueadas para a comercialização com Portugal.

Portanto, como descreve Girão (2001, p: 111/ 112), a importância da pecuária para o crescimento e desenvolvimento de Aracati se deu de tal forma que ela fez “crescer a especulação daquele ramo de negócio, aumentando dia a dia as transações com as demais praças do País; passando Aracati a prover de fazenda e objetos de luxo e resto da Capitania”

Segundo Eusébio de Sousa (In: LIMA, 1979, p: 10), o Porto de Fortinho, hoje denominado de Fortim, “abrigava cinco a seis embarcações de nacionalidades estrangeiras e de grande calado, carregando para a Europa”. Foi nesse período que registra-se a entrada de produtos estrangeiros, notadamente artigos em louças, vestuário, bebidas, entre outros, que passavam a fazer parte da paisagem local e dos espaços domésticos. Com o declínio das charqueadas no final do século XVIII, ocorre uma queda do comércio na região que é restabelecido através da cotonicultura, sendo esta responsável pelo equilíbrio comercial da referida cidade.

Com o crescimento da produção algodoeira entre os anos de 1835 a 1853, as mercadorias⁶ continuavam a ser embarcadas e desembarcadas pelo Porto de Aracati. Nesse período, já possuía uma Repartição de Alfândega e uma Mesa de Rendas criada para melhorar a organização do escoamento das mercadorias que chegavam à cidade. No ano de 1853 o Porto de Mucuripe, em Fortaleza, começa a competir com o de Aracati.

As elites locais passam a ser formada não mais por pecuarista, e sim por uma elite agrária que passa a ampliar seus negócios através das casas comerciais, representações comerciais, empréstimos financeiros, exportação de couro, algodão e outros. Começa para Aracati e para o Ceará o que Gilberto Freyre denomina de “segunda europeização”. O processo civilizador capitalista, nesse segundo momento, será feito sobretudo com a Inglaterra e com a França.

O fluxo das relações comerciais entre Aracati e a Inglaterra é percebido nos Relatórios da Alfândega, notadamente os referentes aos anos de 1838 a 1840. Neles podemos observar as descrições dos produtos que foram importados da Inglaterra para

⁶Segundo APPADURAI (2008, p: 15)“as mercadorias são objetos de valor econômico [...],e este valor jamais é uma propriedade inerente aos objetos, mas um julgamento que sujeitos fazem sobre eles.”

Aracati, via Portugal. Entre eles destacavam-se as louças e vidros. Da mesma forma aparecem os produtos exportados pelo: couro salgado, algodão e sementes, entre outros.

Esse comércio se intensifica com a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, quando o algodão passou a ser exportado diretamente para a Inglaterra através do Porto de Aracati. Pois, segundo Leite (1994) pois como o algodão produzido naquele país abastecia as fábricas têxteis inglesas, com a guerra o mesmo deixa de ser fabricado. Isso impulsionaria a produção algodoeira no Ceará. É nesse período que intensifica-se a entrada de produtos estrangeiros, iniciada no começo do século XIX. O transporte dessas mercadorias era realizado da Europa para Aracati através de navios e carregados e, aqui, em carros de boi que faziam a distribuição para as cidades de Russas e Icó. O comércio também era realizado através de casas comerciais membros da elite local. Essa busca por mercadorias estrangeiras contribuía para formar uma nova elite aracatiense composta por comerciantes, e por profissionais liberais – médicos, advogados, entre outros –, normalmente formados nas faculdades de Recife, Bahia e Rio de Janeiro. Em sua maioria eram filhos de antigos proprietários rurais e comerciantes. Embora nem todos consumissem as mercadorias estrangeiras, símbolo de inserção no modelo inglês e francês de bem-estar e estar bem mundo, porém essa elite orientava seus novos modos, novos costumes, suas novas linguagens de gestos e fala na estrutura mental construída pela influência europeia.

As referidas casas comerciais aludidas acima, passaram a instalar nas principais cidades do Ceará suas filiais. Em outros casos usavam representantes comerciais. Entre elas podemos destacar a Casa Boris Frères, fundada em Fortaleza no ano de 1869. Essa casa comercial, de acordo Rego (2010), gozou de intensa influência nos negócios, na política, e nos costumes não só nas cidades do Ceará como também nas cidades do Piauí e Rio Grande do Norte

A cidade⁷ de Aracati se diferenciava das demais cidades cearenses em muitos aspectos, principalmente nos aspectos econômico e cultural. A inserção de casas comerciais na referida cidade ocorreu a partir de 1850, quando a Firma Pacheco, Filho & Mendes se instala comercializando diretamente com a Europa, além dessa houve cerca de outras 70 casas comerciais instaladas na cidade. Com esse comércio de

⁷ Podemos entender a cidade de Aracati de acordo com ASSUNÇÃO (2012, p: 58) ao definir o fator econômico da cidade “como propulsor do desenvolvimento urbano” A referida cidade se originou a partir de fatores econômicos, como pecuária e se desenvolveu por meio da cotonicultura.

importação de artigos de luxo e exportação de produtos locais entre Aracati e Europa a cidade continua a se destacar no cenário regional.

Com a entrada de produtos estrangeiros no porto de Aracati, as práticas cotidianas urbanas mudam, sendo transpostos rituais domésticos praticados por ingleses e franceses, tanto nas casas das elites quanto nas ruas. Esses novos hábitos são inseridos a partir dos objetos e apreendidos através dos manuais de civilidade. A mudança de hábitos também pode ser percebida na construção de espaços destinados as sociabilidades, sejam elas da família, das visitas entre outros.

A inserção de novos hábitos e costumes é percebida através do comportamento social que traduz o costume estrangeiro à mesa, e passam a usar utensílios que eram estranhos as suas práticas cotidianas. O uso da faca era exclusivo do homem, chefe de família. Segundo Lima (1989, p: 207) ao se referir à sociedade carioca, “comia-se com os dedos — o polegar, o indicador e o médio — ou sorvia-se o alimento, em geral pastoso ou líquido, diretamente das malgas”. Os talheres (garfos, facas e colheres) de prata eram considerados pela elite como investimento e deviam ser guardados. O seu uso foi sendo inserido gradativamente na sociedade carioca. Tal costume foi inserido pelos ingleses, por isso comer de garfo e faca ficou conhecido como “comer a inglesa”. Esses hábitos foram se difundindo pelo Brasil, e chegaram à cidade de Aracati.

Outro hábito introduzido pelos ingleses foi o “consumo do chá”, até então seu uso era tido como medicinal, passando a ser adotado como prática masculina após o jantar, por ser uma bebida quente não era permitida a mulher. A prática do “chá das cinco” foi introduzida no final do século XIX, sendo exclusiva das mulheres como uma forma de se libertar das normas estabelecidas pela sociedade. O “chá das cinco” trouxe consigo o uso de vestimentas apropriadas, assim como louças específicas.

É nesse contexto que a elite aracatiense adota práticas para se diferenciar dos demais grupos, já não era suficiente ter louça europeia, o que poderia os diferenciar agora era a procedência da mesma e, ainda, a diferenciação deveria se dá pelas formas ou padrões que os distinguissem das demais louças produzidas.

Evidentemente, nem todos os membros da elite aracatiense se inseriam no referido modelo de consumo, notadamente porque não aparecem em seus inventários ou testamentos objetos que simbolizassem a hierarquia pelos objetos. No entanto, nossa pesquisa ainda é insuficiente para responder o porquê de algumas famílias da elite consumir e outras não os objetos da distinção.

3. Da vitrine da loja a vitrine da sala: o consumo de louças europeias

A sala de jantar era considerado *um espaço sagrado*, destinado a exibição da distinção. Esse espaço exige a invenção de uma paisagem de consumo que revele o poder econômico do anfitrião: louças, mesas de jantar elásticas, cadeiras, mesas acessórias, aparadores, compoteiras de vidro, galheteiros de prata, talheres de prata (para chá e jantar), castiçais de prata e mangas de vidro, taças de cristais, salvas de prata, aparelhos de jantar e conjuntos de chá entre outros. Isso tudo demonstra a posição social do anfitrião.

Esses objetos que podiam ser encontrados nas casas das elites de Aracati são algumas das descritas por Elias (1994, p: 113) no século XIX na Europa e que define o modelo de civilidade que “encontra-se na última fase desse processo”, o autor refere-se aqui ao processo civilizador, e precisa ser difundido através dos utensílios domésticos, tanto do seu uso quanto da crescente diversidade de suas formas e matéria-prima. De com Elias

[...] Em muitas ocasiões, não só os pratos são trocados depois de cada tipo de comida, mas também os utensílios. Já não basta comer apenas com a faca, o garfo e a colher, em vez de se usar as mãos. Cada vez mais na classe alta, um implemento especial é usado para cada tipo de comida. Colheres de sopa, facas de peixe e facas de carne são postas em um dos lados do prato. (ELIAS, 1994, p.: 114)

Esses bons modos chegam ao Brasil por meio dos manuais de civilidade, no qual ensina-se desde o comportamento à mesa ou em grupo até como se deve colocar uma mesa em ocasiões especiais, como banquetes. A realização de tais rituais exigia da elite aracatiense todo um aparato de objetos que tinham por finalidade a realização dos mesmos. Criando uma sociedade de consumo que buscava se diferenciar dos demais grupos sociais, requerendo uma diferenciação através dos objetos, a elite aracatiense e um exemplo.

O consumo de mercadorias de uso doméstico gerou sua produção e diversificação, como os objetos que compõe o serviço de mesa: eles variavam entre os diversos padrões decorativos de louças, presentes nos conjuntos de chá e café, assim como no aparelho de jantar. Os talheres de prata podiam diferenciar-se quanto a seu cabo que poderia ser de marfim ou de uma matéria tão nobre quanto àquela. A mobília europeia, ou de traços europeizantes, foi sendo inserida na paisagem do lar das elites e

tornando-se essencial nos lares aracatiense. Dentre elas destacamos o guarda louça, as cadeiras, os sofás, dentre outros que foram preenchendo os espaços e tornando-se indispensáveis elementos de distinção. Para compreendermos tal período analisamos os termos de propriedade e um catálogo com algumas peças do Museu Jaguaribano, dando destaque para os objetos de uso doméstico, seus doadores e as relações entre doação e devolução das peças e sua procedência. De acordo com os termos de propriedade das referidas peças podemos observar a presença de louças provenientes da Inglaterra, França e Alemanha, assim como a mobília de origem austríaca.

Analisando o termo de propriedade de um dos doadores o *Sr. João José Dias de Oliveira* percebemos que a maioria das peças doadas tem sua origem europeia e foram produzidas no século XIX, como segue abaixo:

uma molheira florada, porcelana inglesa
 um bule de chá florado, porcelana inglesa
 umatijela de porcelana germânica, com bordados roxos
 umachícara p/ café, porcelana francesa, em cores: verde, rosa e ouro
 umachícara p/ café, porcelana francesa, cor: branca e ouro
 um sofá e duas cadeiras de braços, austríacos
 quatro cadeiras austríacas pretas
 (Comprovante de Título de Propriedade nº 001/M, 12 de dezembro de 1968)

De acordo com o referido termo o proprietário tomou posse de quatro cadeiras austríacas pretas em 20 de julho de 1972. Assim sendo, o catálogo do museu (1980) fornece informações de 19 peças doadas ao museu pelo referido doador, o que nos permite pensar que a doação se deu como forma de preservar a memória da família ou como forma de perpetuar distinção social da família através da doação.

Em outro termo de propriedade observado encontramos louça de origem holandesa pertencente a Adélia Gurgel Valente de Lima, que doou para o museu em 15 de dezembro de 1968 as seguintes peças

Uma fruteira, em porcelana branca inglesa
 Um pirex de cerâmica holandesa bordado com flores azuis
 (Comprovante de Título de Propriedade nº 0017/M, 15 de dezembro de 1968)

Um dos maiores doadores foi José Flávio Costa Lima, descendente dos proprietários de uma das casas comerciais mais importantes de Aracati, no século XIX. A doação realizada por ele compreende cerca de 26 peças entre louças, mobília, destacamos

Prato raso, porcelana inglesa, decoração policromada com motivos vegetais, marca J & G MeakingEngland (Catálogo do Museu, 1980:14. Peça nº 088)

A presença dessas peças nos permite entender como o nível de consumo da elite aracatiense. A relevância de tais objetos para as famílias ainda é carregada desse sentimento de distinção social, pois as mesmas são guardadas e depois entregues a um museu, para que as mesmas sejam vistas e sua família lembrada.

A variedade de produtos que circulavam pelo mundo proporcionava aos consumidores um grau de escolha o que lhe proporcionava uma identidade. Embora segundo Freyre (2000, p: 232) ao citar os lares brasileiros como exemplo afirma que “os ingleses tiveram [...], assim, uma influência direta sobre a europeização dos interiores das casas brasileiras”. Essa influência é percebida na mobília, nos adornos, nas louças e até nas paredes das casas. A presença de artigos ingleses é preponderante, embora sejam encontrados artigos domésticos, como: mobília austríaca, louça francesa e alemã, além de escarradeira holandesa, dentre outros. A presença de produtos importados da Europa é muito grande e está presente no cotidiano dos lares brasileiros.

A circularidade não foi apenas de objetos, mas também dos rituais que estava implícito nos mesmos, segundo Freyre (2000, p 232) “A casa de Mr. Stewart devia ser uma daquelas boas casas de ingleses do Poço da Panela onde se tomava chá à tarde tão religiosamente como na Inglaterra”. O ritual do chá e do jantar foi incorporado ao cotidiano das famílias brasileiras que tinham poder aquisitivo para adquirir as mercadorias que compunham tal ritual.

Quanto aos objetos que fazem parte do ritual do chá, Freyre (2000, p: 232) comenta que da “frequência com que aparecem os ‘aparelhos de chá’, de louça inglesa e mesmo francesa, nos anúncios de jornais brasileiros da primeira metade do século passado”, Freyre enfatiza que o consumo do chá foi absorvido rapidamente, desde as primeiras décadas do século XIX. Além dos objetos que foram incorporados ao cotidiano de inúmeras famílias pelo mundo, os rituais que os seguem também foram incorporados. A forma de se vestir, de comer, de se sentar passou a fazer parte da rotina dos que desejaram se aproximar da sociedade europeia, modelo de civilidade e progresso.

Na cidade de Aracati não foi exceção, diante de sua importância econômica e ‘exemplo de civilidade’, sendo possível a mesma ser inserida dentro de um processo civilizados capitalista. Podemos perceber tal inserção através das mercadorias de uso doméstico que foram exportadas da Europa para a referida cidade, dentre as mercadorias podemos destacar as louças que eram fabricadas em diferentes cidades

europeias, dentre elas destacamos as inglesas, francesas, alemãs e holandesas. Essa presença é percebida através das fábricas que exportavam seus produtos, dentre as principais podemos destacar:

FÁBRICA	ORIGEM
COPELAND	INGLATERRA
PETER REGOUT	HOLANDA
J. & G. MEAKIN LTD	INGLATERRA

TABELA 1- Tabela de identificação das principais fábricas de louça e sua origem, que exportavam seus produtos para a cidade de Aracati entre 1850 a 1890. Esta tabela foi elaborada a partir de dados coletados do Relatório do IPHAN, dos termos de propriedade e catálogo do Museu Jaguaribano

FONTE: Relatório do IPHAN, Termos de Propriedade e Catálogo do Museu Jaguaribano.

As fábricas de louça, segundo Caldarelli (2000) buscavam se diferenciar das demais, para tanto desenvolvem suas marcas ou selos que

“foram criadas para identificação da procedência e do fabricante do objeto. Esse tipo de publicidade visa demonstrar ao adquirente do produto que o mesmo foi fabricado por uma empresa sólida e com boa reputação no mercado, permitindo, inclusive, a opção de reposição de peças perdidas”
(CALDARELLI, 2000, p: 116)

A presença ou ausência de determinados tipo de louça, como por exemplo o uso da faiança, em substituição a porcelana, por ser mais cara. Ou até mesmo um tipo de desenho ou matéria-prima utilizada para produção desta pode diferenciar não apenas seu preço, mas a sua aquisição, e, por conseguinte a diferenciação de quem as adquiriu no grupo social que faz parte. O estudo da cultura material nos proporcionou entender, a partir das coisas, como a sociedade aracatiense apropriou-se de elementos materiais de outra cultura, do processo civilizador capitalista da segunda europeização, e traduziu seu valores e uso para sociedade local, não deixando de alimentar seu poder de distinção social. As elites aracatienses, portanto, para se aproximar daquele modelo europeu, passam a se apropriar de seus rituais, hábitos e costumes e unindo coisas, valores e usos, diferencia-se dos demais grupos.

Fontes

- Artefatos arqueológicos representados em relatórios e fichas decorrentes das escavações arqueológicas realizadas no centro histórico e em outras áreas semi-rurais de

Aracati - Instalação do sistema de esgotamento sanitário local, a cargo da Companhia de Água e Esgoto do Ceará (CAGECE).

- Relatórios correspondentes a etapas de escavação realizadas e fichas correspondentes a escavação

Localização: Site do IPHAN

- Catálogo do Museu Jaguaribano, Coleção Museus do Ceará, Vol. I: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará; Fortaleza, 1980.

Localização: Acervo Pessoal (digitalizado e cópia impressa)

- Termos de Propriedade da peças doadas e/ou cedidas ao Museu Jaguaribano, produzidas entre os anos de 1968 e 1998.

Localização: Acervo Pessoal (digitalizado e cópia impressa)

- Peças museológicas do século XIX oriundas da Europa e que foram doadas e/ou cedidas ao Museu Jaguaribano, entre os anos de 1968 e 1998.

Localização: Museu Jaguaribano

Referências Bibliográficas:

APPADURAI, Arjun (Org.). **Avida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural.** Niterói: EdUFF, 2008.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural.** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

BRANCANTE, E. F. **O Brasil e a Cerâmica Antiga.** São Paulo, Ed: Lithographia, 1981

CALDARELLI, Solange Bezerra. **Arqueologia do Vale do Paraíba Paulista.** São Paulo, 2000

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Vol. 1. 1994.

GIRÃO, R. **História Econômica do Ceará.** Fortaleza: UFC/ Casa José de Alencar Programa Editorial, 2000.

GIRÃO, V. C. **As Oficinas ou charqueadas no Ceará.** Fortaleza: Secretaria de Cultura/IOCE, 1984.

HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por uma outra história das elites.** Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006

HILBERT, Klaus. Diálogos entre substâncias, cultura material e palavras. **Métis** (UCS), v. 8, p. 11-26. 2009

HOBBSAWM, Eric J. **A Era do Capital** - 1848 – 1875, Rio de Janeiro, Paz e terra, 2012.

LEITE, A. C. O. **Algodão no Ceará: estrutura fundiária e capital comercial, 1850 - 1880**. Fortaleza: SECULT, 1994

LIMA, T. A ET Alli. A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. **Dédalo**, S. Paulo, pub. avulsa, 7:205-230, 1989. P. 207

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História, São Paulo**, n.115, p.103-117, jul.-dez. 1993

REGO, Júnia Motta Antonaccio Napoleão do. **Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba..** (Tese de Doutorado). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010

ROCHE. Daniel. **História das coisas banais, o nascimento do consumo séc. XVII-XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOUSA, Eusébio de. Duas palavras sobre “Terra Aracatiense”. IN: LIMA, Abelardo Costa. **Terra Aracatiense**. Coleção Biblioteca de História do Ceará. 2ª edição. 1979